



FOLHA INFORMATIVA N° 37-2011

II Jornadas Europeias do Património – Constância 2011

25 de Setembro, 21h 30m, Percurso Camoniano

Setembro oferece-se numa noite cálida. Uma noite feita poesia na vila que é poema, Constância. A folhagem dos choupos e salgueiros da beira-rio ondula em movimentos graciosos. Corre de mansinho uma brisa, trazendo até nós, um pouco acima da margem, a frescura do abraço do Zêzere com o Tejo.

É noite cerrada. As sombras dançantes das árvores tornam este espaço irreal, como se surgido da bruma das memórias de infância, qual cenário de estórias maravilhosas ouvidas ao serão.



Reunimo-nos junto à estátua de Camões, da autoria do Mestre Lagoa Henriques, colocada ao lado da entrada do seu jardim horto. Acercam-se formosas damas trajando à época quinhentista, acompanhadas por jovens que transportam archotes acesos. É uma revisitação ao passado; a um passado tão longínquo, mas presente, ao tempo em que Luís de Camões percorria este mesmo espaço; em saudosas recordações da sua amada - por quem desterrado aqui se condenava -, ou em folias e boémias com os amigos.



O Jardim Horto é uma criação do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Teles e nele se pode conhecer as cinquenta e duas espécies botânicas referidas por Camões na sua lírica e em "Os Lusíadas".

A poesia conjuga-se aqui, de forma perfeita, com a flora. Em cada recanto e em cada planta uma placa explicativa identifica-a. Nela também se pode ver a transcrição do verso onde é referida pelo poeta. O jardim contém ainda outros pontos de

interesse: o pavilhão de Macau, como marca da presença portuguesa na China; um pequeno auditório com uma reprodução do Planetário de Ptolomeu; uma Esfera Armilar, um poço de traça árabe e uma âncora do século XVII arrancada ao Tejo.



A Dr^a Ana Maria Dias dá início ao tributo a Luís Vaz de Camões, com estas notas explicativas e uma referência à estátua em si; ao olhar do Poeta que repousa para lá do horizonte, além do rio que quase lhe vem beijar os pés; aos meios arcos sob os quais se senta e descansa, numa clara alusão à "Casa dos Arcos", tal como era conhecida a casa onde consta ter vivido; ao manuscrito épico aberto no regaço.

Sob a luz trémula dos archotes, a poesia escrita no bronze frio torna-se ardente de vida, ao ser declamada. "A um pomar"...

Entra-se no Jardim Horto, seguindo os figurantes. A primeira paragem faz-se no pavilhão de Macau. É composto por um lago povoado de peixes e nenúfares, um pavilhão lacustre, cujas típicas cerâmicas vieram diretamente de Macau, e muros inspirados na dança do Dragão. Sente-se o aroma das plantas e adivinha-se o rio que a noite oculta. A poesia, pela segunda vez, toma corpo e alma na voz da Dr^a Ana Maria...

*Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde ãa mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está pera afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.*

*Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A **laranjeira** tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A **cidreira** cos pesos amarelos;
Os fermosos **limões** ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.*

*As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma ennobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os **loureiros**
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Cítéria, cos pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo **cipariso**
Pera onde é posto o etéreo Paraíso*

*Os dões que dá Pomona ali Natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As **cereijas**, purpúreas na pintura,
As **amoras**, que o nome têm de amores,
O **pomo** que da pátria Pérsia veio,
Melhor tomado no terreno alheio;*

*Abre a **romã**, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do **ulmeiro** está a jocunda
Vide, cuns **cachos roxos** e outros **verdes**;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quisertes,
Entregai-vos ao dano que cos bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.*

Canto IX, Lusíadas

Ó pomar venturoso,

*De teu fermoso peso se mostra o monte ledó;
e o caudaloso Zêzere te estranha,
porque olhas com desprezo
seu cristal puro e quedo,
que com Pera os teus es rodeia e banha.
Em ti pintura estranha,
a que Apeles cedera,
enigmas intrincados,
e mirtos animados vemos,
que o próprio Escopas não fizera.
Em ti, coa paz interna,
tem o santo prazer morada eterna.*



Ainda a música das palavras se faz ouvir e já outros acordes nos envolvem. Num belo auditório ao ar livre, cujo chão reproduz o Planetário de Ptolomeu e que, segundo Pedro Mariz, inspirou Camões no Canto X de «Os Lusíadas», um grupo interpreta trechos musicais.

Ptolomeu, astrónomo grego nascido no século II d.C., acreditava que a Terra permanecia fixa no centro do Universo então conhecido e, à sua volta, giravam sete astros errantes: Lua, Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Exteriormente ao “céu de Saturno” imaginava-se o *firmamento*, onde se supunham fixadas as estrelas. Na representação estão assinaladas as constelações do Zodíaco, aquelas sobre as quais se *passeia* o Sol ao longo do ano. Neste ambiente “cósmico” do passado, elementos do Centro Internacional do Carrilhão e do Órgão interpretam peças renascentistas. Sons e ritmos serenos, delicados, lembrando as reverências, as voltas e contra voltas serenas das danças de salão. Revive-se o ambiente das cortes dos séculos quinze e dezasseis.





Sai-se do espaço do jardim pela porta que fica defronte ao Tejo e caminha-se na direção da “Casa dos Arcos”, uma construção edificada em 1515 por iniciativa de D. João de Almeida, 2º Conde de Abrantes e hoje chamada *Casa Memória de Camões*. Antes da sua reconstrução, a casa tinha este aspeto (imagem em baixo à direita):



A entrada preserva a construção quinhentista, com arcos em tijolo, daí advindo provavelmente o seu nome.

Lá dentro espera-nos um “Luís de Camões”, simbolicamente colocado atrás de grades, aludindo à situação de degredo, ou desterro que aqui teria vivido - cativo do seu estado de alma e das paixões que os belos rostos de damas de olhar doce e melancólico lhe despertavam os sentidos e torturavam a existência pela, quase sempre, impossibilidade desses amores.

Numa mesa um papel e uma pena. Um archote tímido e a evocação de uma vida precocemente interrompida...



*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Algu~a cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

Luís de Camões

O espaço pequeno da casa de novo cede lugar à noite imensa.

Percorre-se mais uns metros à beira Tejo e sobe-se até ao outeiro que Camões refere na sua “Elegia do Desterro” - conforme estudos parecem confirmar, por fazer coincidir com a paisagem toda a descrição deste outeiro. A elegia fala do outeiro, dos penedos banhados pelas

águas, das côncavas barcas e do eco dos rios que se abraçam, sendo uma óbvia ligação à confluência dos rios Tejo e Zêzere.



Subindo em direção ao outeiro, pela rua com o mesmo nome...



Aqui, de novo, se faz ouvir Camões, na voz eloquente da Dr.^a Ana Dias:

*D'aqui me vou com passo carregado
A um outeiro erguido, e ali me assento.
Soltando toda a rédea a meu cuidado.
Depois de farto já de meu tormento.
Estendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos
E sem graça e sem flor os campos vejo,
Que já floridos vira e graciosos.*

Depois, a noite estrelada, volta a encher-se de música. Uma ponta de nostalgia envolve o grupo, como se a alma do poeta partilhasse as lágrimas sofridas, nas notas dolentes da música.

Perto, num ramo de uma oliveira, um pássaro atreve-se a quebrar o silêncio da noite. E pia...

Lembra um lamento, um pranto de saudade...



*Vejo o puro, suave e rico Tejo
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce efeito o seu desejo.*

*Umás com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.*

*D'ali falo com a agua que não sente,
Com cujo sentimento esta alma sái
Em lagrimas desfeita claramente.*

*O fugitivas ondas, esperai,
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.*

*Até que venha aquelle alegre dia,
Que cu vá onde vós ides, livre e ledó.*

*Mas tanto tempo quem o passaria?
Não pode tanto bem chegar tão cedo,*

*Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão áspero degredo*

Ana Paula Pinto e Carlos Vitorino

Texto introdutório à presente Folha Informativa:

Com este texto se encerra o conjunto de cinco Folhas dedicadas às II Jornadas Europeias do Património.

Segundo os autores “Constância, sem dúvida que aposta na divulgação do seu nome, na preservação e valorização do seu património histórico e cultural; mas não esquece a riqueza paisagística, nem a promoção do meio envolvente, apostando em atividades lúdicas, recreativas e culturais, onde o ambiente natural é cenário privilegiado. Um concelho que, preocupado com a “fragilidade” do passado, desenvolve procedimentos com vista à sua preservação no presente para existência futura.

Em Constância, a cultura e o lazer caminham de mãos dadas. É possível a visita a uma exposição de pintura depois de um passeio pedestre nos campos, ou uma descida de canoa; tal como é possível percorrer as ruas acompanhando uma peça de teatro que se desenrola em diferentes cenários da vila”.

Com este conjunto de relatos evidenciámos alguns detalhes importantes que permitem caracterizar melhor o espírito das gentes taganas e a enorme riqueza patrimonial, cultural e turística desta tão surpreendente região.